

A CRISE DO SISTEMA OLIGÁRQUICO DE DOMINAÇÃO EM CUBA: A REVOLUÇÃO DE 1933

José Mao Junior*

Resumo

A intervenção dos EUA na Segunda Guerra de Independência (1895-1898) e a ocupação militar que se seguiu até 1902 consolidaram os mecanismos de dominação neocolonial sobre a Ilha. A partir de então, a história das primeiras décadas da República cubana resume-se a uma sucessão de governos oligárquicos e autoritários, entremeados por constantes intervenções militares dos EUA, o que se agrava com as crises geradas pela queda nos preços do açúcar após a Primeira Guerra Mundial e a crise de 1929.

O movimento de oposição que aglutinou diversos segmentos da sociedade, como estudantes universitários, trabalhadores do campo e das cidades, e dissidentes da oligarquia cubana, derruba o regime machadista e inicia o *Gobierno de los Cien Dias* cujo fracasso se evidencia com a ascensão do coronel Fulgencio Batista. No entanto, durante a Revolução de 1933, emergiram os principais elementos – forças políticas, representações ideológicas e métodos de luta – que foram determinantes, mais tarde, na Revolução Cubana de 1959.

Palavras-chave

Revolução Cubana de 1933; Cuba; Revolução; queda do regime machadista; ascensão de Fulgencio Batista.

Abstract

*The intervention of the United States of America in the Second War of Independence (1895-1898) and the military occupation that followed it up to 1902 had consolidated the mechanisms of neocolonial domination on the Island. From this point on, the history of the first decades of the Cuban Republic can be summarized as a succession of oligarchic and authoritarian Governments. Pervaded by constant military interventions from the United States of America, this scenery is aggravated by the crisis generated by the downfall of the sugar prices after World War I and the crisis of 1929. The movement of opposition that bound together several segments of society, as college students, rural and city workers and dissidents from the Cuban oligarchy, throws down Machado's government and starts the so-called *Gobierno de los Cien Días* (One Hundred Days Government), whose failure is marked by the ascension of Colonel Fulgencio Batista. However, during the Revolution of 1933, the main elements had emerged – such as political forces, ideological representations and methods of fight – that were determinative, later, in the Cuban Revolution of 1959.*

Key-words

The Cuban Revolution of 1933; Cuba; Revolution; fall of Machado's government; ascension of Fulgencio Batista.

ADERRUBADA DE UMA DITADURA: O EPÍLOGO DO MACHADATO

A configuração de uma situação insurrecional em Cuba

O ascenso da oposição ao General Gerardo Machado

A brutal queda dos preços do açúcar, que nos últimos meses de 1920 caíram de 23 centavos para apenas 3 centavos a libra, conduziu a economia cubana a uma profunda crise. Ricos produtores viram suas propriedades passarem para as mãos de empresas estadunidenses, milhares de colonos desapareceram em meio à crônica miséria das zonas rurais de Cuba. Nas zonas urbanas, essa crise arrastou atrás de si, não apenas milhares de comerciantes e artesãos, mas também elementos pertencentes à camada oligárquica. Nas cidades e no campo, a situação de miséria dos trabalhadores assalariados ampliou-se enormemente diante do vertiginoso aumento do desemprego sazonal e permanente.

Diante dessa crise, Cuba viveu agitados anos de instabilidade social. Durante as eleições de 1924, o poder intervencionista estadunidense impôs a candidatura e a consequente eleição do general Gerardo Machado. A folha de serviços desse general comprovava a sua larga experiência na organização de campanhas de repressão contra os movimentos sociais e grevistas. Pretendiam, assim, com Gerardo Machado no poder, frear o avanço do movimento social, que crescia a passos largos em decorrência do descontentamento de diversos setores sociais diante da crise econômica que assolava Cuba.

O movimento sindical cubano, particularmente os trabalhadores da indústria açucareira – o setor mais combativo do movimento –, já havia dado mostras da sua capacidade de organização e radicalidade nos anos que antecederam a chegada de Machado ao poder. Em 1925, o movimento sindical cubano conseguiu organizar-se nacionalmente, através da fundação da Confederación Nacional Obrera de Cuba (CNOO). Além disso, a Universidade agitava-se, desde o início da década de 20, com a emergência do movimento estudantil vinculado ao Movimento da Reforma Universitária, iniciado na Argentina, em 1918 e difundido por diversos países da América Latina. A fundação da Federación de los Estudiantes Universitarios (FEU), em 1923, deu organicidade a esse movimento que, indubitavelmente, expressava o descontentamento de amplos setores da pequena burguesia urbana.¹

Em agosto de 1925, uma semana após a fundação da CNOO, foi fundado o Partido Comunista de Cuba. A fundação desse Partido aglutinou os setores mais radicais dos trabalhadores do campo e das cidades e os setores igualmente mais radicais da pequena burguesia urbana. A reação por parte da classe dominante cubana – em perfeita sintonia com

os interesses estadunidenses – logo se fez sentir, através do gradativo estabelecimento de um regime ditatorial. Assim, antes de completar um ano de mandato, o general Gerardo Machado já se revelava um feroz ditador.

Através da divisão dos ilegais e lucrativos benefícios que o exercício do poder podia conferir, Gerardo Machado obteve o irrestrito apoio dos três partidos políticos com existência legal no país: os partidos Liberal, Conservador e o Popular Cubano. O termo *Cooperativismo Político* veio a designar essa estreita aproximação entre os partidos políticos que desfrutavam o direito de participar do processo eleitoral. Se, por um lado, a lógica dessa coalização era, em parte, determinada pela avidez dos políticos profissionais interessados na divisão lucrativa do poder, por outro lado, ela também expressava uma posição defensiva das representações políticas das camadas dominantes de Cuba, temerosas diante do avanço do movimento social, que assumia proporções imprevisíveis.

Em 1927, foi eleita uma Assembléia Constituinte, com o intuito de obter a prorrogação do mandato presidencial do general Gerardo Machado. Para as eleições dessa Assembléia, foi modificado o código eleitoral, no sentido de impedir a participação de outros partidos além daqueles com existência legal – Liberal, Conservador e Popular Cubano – que, coincidentemente, compunham o Cooperativismo Político e davam sustentação política ao governo Machado. Composta dessa forma, a Assembléia Constituinte aprovou a *prórroga de poderes* do general Gerardo Machado por mais seis anos. Assim, à grave crise econômica que assolava Cuba, uniu-se a crise política criada pela prorrogação do mandato de Machado.

Indubitavelmente, o Cooperativismo Político e o processo da *prórroga de poderes* conduziram a uma crescente falta de diferença entre os partidos legalmente constituídos e suas representações efetivas. Isso resultou num conseqüente descrédito e afastamento das massas trabalhadoras da política tradicional. Marcou-se, assim, o fim da hegemonia dos principais partidos que haviam dominado o cenário político cubano. Essa indiferenciada união entre os partidos legais possibilitou, também, o surgimento de um amplo movimento de oposição à ditadura de Gerardo Machado, que abarcava os mais diferentes matizes ideológicos.

Entretanto, a já combalida economia cubana sofreu um novo e duro golpe em decorrência da grande crise econômica que assolou o mundo em 1929. Cuba, totalmente dependente de um único produto – o açúcar – destinado a um único mercado – os Estados Unidos –, sofreu as conseqüências dessa crise de maneira imediata. A economia cubana, que em 1920 havia mergulhado numa profunda crise quando a cotação do açúcar havia despencado de 23 centavos a libra para apenas 3 centavos, após a crise de 1929, teve que suportar uma nova queda na cotação desse produto, que caiu a 1,11 centavos no início de 1930, e, a 1,03 centavos em abril desse mesmo ano. Mas o pior ainda estava por vir.

Em decorrência da Grande Depressão, o governo dos Estados Unidos adotou a tarifa Hawley-Smoot, que estabeleceu um imposto de 2 centavos por cada libra de açúcar cubano exportado ao mercado estadunidense. A adoção dessa tarifa visava proteger os produtores domésticos de açúcar de beterraba ou cana da Louisiana e da Flórida. Diante desta situação, os produtores de Cuba foram obrigados a “vender em seu mercado principal a menos de 0,50 centavos a libra, o que acarretou novas quebras de proprietários cubanos em favor de empresas bancárias norte-americanas”.²

Com a quebra de muitos produtores de açúcar e a conseqüente redução da safra, ocorreu um brutal aumento do desemprego, que, somado aos salários de fome se traduziu numa vertiginosa ascensão da luta de massas e, no início de 1930, numerosas greves parciais ocorreram em todo o país. A crise política decorrente de tal situação levou o regime a incrementar ainda mais o terror, desatando uma brutal repressão contra os trabalhadores em greve. “Muitos dos grevistas, depois de serem brutalmente golpeados e torturados pela polícia, eram encarcerados e acusados de subversão, incitação à rebelião para derrubar o Governo ‘cumprindo ordens da Internacional comunista’ e outros delitos.”³ Apesar da intensificação da repressão, os movimentos grevistas continuaram crescendo. A greve de março de 1930 abarcaria “cerca de 200.000 trabalhadores em todo o país, dos setores do comércio, transporte, portuários, tabaqueiros, metalúrgicos, gráficos, tintureiros, têxteis, chapeleiros, confeitários e outros. Em cidades como Manzanillo, foram à greve, junto com os operários, os alunos dos colégios”.⁴ A formidável intensificação do movimento de massas tendia a formar um ambiente revolucionário em todo o território cubano.

Desde o assassinato de Julio Antonio Mella, em janeiro de 1929, a oposição à ditadura de Gerardo Machado ampliava-se no setor estudantil, num vínculo cada vez mais estreito com o movimento operário. É nesse momento que a pequena-burguesia urbana experimenta a sua primeira fase de radicalização política. Os estudantes envolveram-se na luta e o regime lançou “contra eles a violência policial e o crimes que haviam sido estreados contra os operários e, finalmente, contra os comunistas recém-organizados. O procedimento brutal exacerbava os sentimentos rebeldes da pequena burguesia”.⁵

Em abril de 1931, o *Partido Comunista de Cuba* divulgou um panfleto conclamando os trabalhadores a participar das manifestações do 1º de Maio. Nesse panfleto, a conjuntura econômica e social de Cuba foi descrita da seguinte forma:

Do ano passado para este, o número de desocupados passou de 400.000 para 600.000, aproximadamente. Milhares de famílias camponesas vagam sem trabalho pelos campos e cidades (...) O governo de Machado, laçao do imperialismo yankee, trata de sufocar as lutas dos trabalhadores, implantando e acentuando o terror, encarcerando militantes, assassinando outros...⁶

Diante dessa situação de instabilidade social, o país mergulhou num verdadeiro caos. Faltava, assim, apenas a ação de um detonador para que ocorresse a eclosão de um movimento revolucionário que pudesse estremecer e derrocar o regime do general Gerardo Machado.

O levante de 1931

Até o ano de 1927, o movimento sindical e o Partido Comunista de Cuba constituíam as únicas forças de oposição que representavam alguma ameaça consistente à ditadura. A partir desse ano, à ação de resistência dos comunistas e das organizações sindicais, juntou-se a mobilização de um emergente movimento estudantil. Os estudantes universitários fizeram uma ampla mobilização contra a prorrogação do mandato do general Gerardo Machado e organizaram-se nacionalmente através da fundação do Directorio Estudiantil Universitario (DEU) de 1927. Essa organização estudantil preencheu o vazio político, no que se refere à representação dos estudantes universitários, deixado pelo desaparecimento da *Federación de los Estudiantes Universitarios* (FEU), fundada por Julio Antonio Mella em 1923 e, mais tarde, perseguida e ilegalizada pelo regime de Machado.

Em meio a essa nova safra de lideranças estudantis, começa a se destacar o nome de um jovem estudante do curso de Farmácia, chamado Antonio Guiteras Holmes. Nascido nos Estados Unidos em 1906, seu pai – cubano de nascimento – e sua mãe – estadunidense de origem irlandesa – estabeleceram-se definitivamente em Pinar del Río, em 1913. Aos 17 anos, ingressou na Universidade de Havana, no curso de Farmácia, participando ativamente do movimento estudantil liderado por Julio Antonio Mella. Em 1925, quando, do fundo do cárcere, Mella desafiava a ditadura mediante sua greve de fome, Guiteras destacava-se à frente das mobilizações de solidariedade, que exigiam a libertação desse jovem dirigente estudantil.

Em 1927, Antonio Guiteras, então cursando o último ano do curso de Farmácia, foi um dos fundadores da DEU e membro de sua direção. Participa ativamente do movimento dos estudantes universitários contra a prorrogação do mandato do general Gerardo Machado, sendo um dos signatários do manifesto *Contra la Prórroga de Poderes*. Este documento, de claro viés antiimperialista, critica não apenas as pretensões de Gerardo Machado em prorrogar indefinidamente o seu mandato, mas, principalmente, a postura subalterna e subserviente do governo cubano diante dos EUA. Assim, este documento assinalava: “Cuba é um país mediatizado (...) nossa pátria é, no seio da Liga das Nações, o agente da política norte-americana e, no novo continente, uma avançada incondicional da Diplomacia do Dólar e do Imperialismo”.⁷ Guiteras foi expulso da Universidade, assim como os demais

estudantes comprometidos com esse movimento. Entretanto, no caso de Guiteras, essa expulsão não teve qualquer resultado prático, pois ele já havia finalizado seus estudos.

Durante uma manifestação contra a ditadura, em 30 de setembro de 1930, foi assassinado Rafael Trejo, um jovem dirigente estudantil. Com a morte de Trejo, cristalizou-se, na maior parte dos grupos de oposição à ditadura de Machado, a idéia de que somente através das armas seria possível a derrubada do regime. A esse processo de radicalização política não escaparam nem mesmo os representantes da “política tradicional”. Personalidades como Mário García Menocal, Carlos Mendieta e Miguel Mariano Gómez, dirigentes de partidos tradicionais que se opunham a Machado por terem sido excluídos do Corporativismo Político e portanto das benesses do poder, chegam à mesma conclusão. Como essas lideranças políticas tradicionais dispunham de recursos materiais necessários para realizar o início de um levante armado, iniciou-se uma certa aproximação entre o movimento estudantil ligado ao DEU e os “velhos caudilhos” (como eram chamadas as principais lideranças opositoras ligadas aos partidos tradicionais). Isso representou uma ruptura no movimento estudantil cubano. No início de 1931, os estudantes ligados ao Partido Comunista de Cuba fundam a Ala Izquierda Estudiantil, com o objetivo de se contrapor tanto à aproximação do estudantado com os velhos caudilhos como também ao “influxo reformista do DEU”.⁸

Com a participação dos exilados cubanos nos Estados Unidos, organizou-se um plano para um levante armado que envolveria uma série de insurreições em diversos pontos do país. Com o desembarque de tropas e armamentos em Gibara (na costa norte da Província de Oriente), esperava-se “que as províncias orientais fossem tomadas pelos rebeldes, enquanto que os estudantes ocupariam Havana, com Miguel Mariano Gómez à frente”.⁹

“Antonio Guiteras também vinculou-se aos ‘velhos caudilhos’”,¹⁰ ligando-se diretamente ao grupo de Carlos Mendieta. Dentro do plano geral do levante, coube inicialmente a Guiteras a tarefa de recrutar combatentes entre os jovens da Província de Oriente, com os quais mantinha contatos conspirativos. O fato de Guiteras trabalhar vendendo produtos farmacêuticos através do país e, em particular, na parte oriental da Ilha, facilitava esta tarefa e encobria eventuais suspeitas. Dessa forma, Guiteras criou uma organização ramificada em todo o país.

Em 8 de agosto de 1931, iniciou-se o levante contra a ditadura de Gerardo Machado. Esse movimento insurrecional, executado sem a devida organização, resultou numa série de ações isoladas, que foram emergindo entre os dias 8 e 20 de agosto, sem a necessária coordenação tática entre elas. Isso facilitou a ação por parte das forças repressivas, que foram sufocando os focos rebeldes, um a um, prendendo e, em alguns casos, executando

sumariamente os insurgentes. As principais lideranças desse movimento, os velhos caudilhos, entregaram-se sem disparar um único tiro, enquanto muitos caíram lutando. Juntamente com esses focos insurgentes, ocorreram inúmeros atentados a bomba, principalmente na cidade de Havana, levados a cabo pelos Grupos de Acción da DEU.

Na cidade de Gibara ocorreram os combates que adquiriram o maior grau de dramaticidade. Em 17 de agosto, cerca de 37 combatentes desembarcaram quando a maior parte dos levantes nos outros pontos do país já haviam sido sufocados. Rapidamente, distribuíram as armas à população e, passando a contar com cerca de 200 insurgentes, conseguiram resistir por três dias aos ataques de cerca de 3.000 homens das forças repressivas. Contra a cidade de Gibara, foram empregados os canhões do cruzador *Pátria*, que se somou à ação de bombardeio de todas as aeronaves disponíveis da força aérea cubana. Assim, Gibara foi a primeira cidade da história a sofrer um ataque aéreo sistemático, horror que se repetiu alguns anos mais tarde, contra a cidade de Guernica, durante a Guerra Civil Espanhola. Apesar da disparidade de forças, antes de se dispersarem e serem capturados, em sua maioria, os insurgentes causaram cerca de 300 baixas entre as forças repressivas e abateram, ainda, três aeronaves.

A falta de coordenação e comando no levante de 1931 foi tal que, enquanto em algumas localidades a ação insurreta iniciou-se e terminou ainda no mesmo dia, 8 de agosto; em outras localidades, a ação somente se produziu nove dias depois, como no caso da cidade de Gibara e manteve-se por três dias. Curiosamente, um desses focos insurrecionais, comandado por Juan Blas Hernández, uma liderança camponesa, continuou “operando durante quase dois anos, sem nunca ser vencido na zona compreendida desde Morón, Florida e Ciego de Avila – em Camagüey – até o sul de Las Villas”.¹¹

Guiteras deveria incorporar-se à luta em Santiago de Cuba. Em um sítio conhecido como *La Gallinita*, Guiteras improvisou um depósito de armas e aguardou o momento de entrar em ação. Segundo o plano geral do levante, essa cidade deveria ser tomada pelas forças comandadas pelo antigo coronel do Exército Libertador, Justo Cuza. A Guiteras e ao seu grupo coube a responsabilidade pela tomada da chefatura de polícia da cidade. Em 12 de agosto, as forças militares ocuparam Santiago de Cuba, alertadas pelos inúmeros levantes que ocorreram em diversos pontos do país. Cuza e Guiteras, então, perceberam que os planos da tomada de Santiago de Cuba fracassariam em virtude de a cidade estar militarmente ocupada.

Assim, por iniciativa de Guiteras, os insurgentes dirigiram-se para o sítio *La Gallinita*, onde estavam guardadas as armas, com o intuito de se retirarem e continuarem a luta nas

montanhas. A caminho de La Gallinita, o grupo de Guiteras foi surpreendido pelas forças repressivas, com as quais manteve um breve combate. Guiteras foi preso e enviado ao cárcere em Santiago de Cuba.

A “mediação” estadunidense e a queda do regime machadista

A situação dos grupos políticos de oposição a Machado após o levante de 1931

A crise econômica e política em que mergulhara Cuba enfraquecia continuamente o regime e o grande número de presos durante o levante de 1931, dentre os quais representativos nomes das camadas oligárquicas, ampliava a crise política. Essa situação não pôde perdurar por muito tempo; assim, ainda no início de 1932, a maior parte dos implicados no movimento de 1931 são anistiados.

Libertados da prisão, os velhos caudilhos continuaram atuando politicamente, alguns a partir de um temporário exílio no exterior, outros a partir do próprio território cubano. Entretanto, o fracasso do levante de 1931 enfraquecera esses representantes da “política tradicional” que se opunham a Machado. Assim, os *velhos caudilhos*, desmoralizados, perderam boa parte da influência que desfrutavam no cenário político cubano, dando lugar a novas organizações mais radicalizadas.

Essa desmoralização que sofreram os representantes da “política tradicional” que se opunham ao regime de Machado – os velhos caudilhos – significou, num prazo muito curto, a completa perda de eficácia do sistema oligárquico tradicional de dominação. Novas organizações políticas começaram a protagonizar os cada vez mais violentos enfrentamentos contra o regime, produzindo “uma mudança qualitativa no movimento político anti-machadista, pois não limitavam suas demandas apenas à mudança da figura presidencial, mas reivindicavam uma modificação das estruturas políticas, econômicas e sociais”.¹²

Alguns setores ligados aos Grupos de Acción do DEU, frustrados diante do fracasso do levante de 1931, fundaram uma organização denominada ABC. Estruturados a partir de células, procuraram levar adiante a luta contra o regime através de ações terroristas. A origem do nome “ABC” vinha do fato de que essa organização obedecia uma estrutura celular ternária, onde cada célula era composta por três membros (A, B, C).

Em sua fundação, o ABC expressava a mesma orientação reformista do DEU, diferenciando-se deste através de sua forma de atuação. Possivelmente, sua estrutura orgânica e sua maneira de atuar – que privilegiava, inclusive, o terrorismo individual – tinha, inicialmente, se inspirado nos grupos anarco-terroristas europeus do final do século XIX e do

início do século XX. Entretanto, rapidamente, essa organização transitou ideologicamente para posições políticas cada vez mais direitistas, aproximando-se do então em voga fascismo europeu.

Assim, o ABC acabou consolidando-se como uma versão tropicalizada do fascismo. Passou a defender um Estado totalitário e corporativo, que conquistasse, através da conciliação e da colaboração de classes, a libertação do indivíduo do absolutismo dos trustes e monopólios. Através de um discurso pseudo-revolucionário que “assumia conotações nazis e racistas”¹³, incorporam essencialmente os anseios dos setores reacionários da ala direita da pequena burguesia. Assim, o ABC se consolidou como “uma organização de caráter fascista, que celebrou marchas e concentrações de camisas verdes, seguindo o modelo do fascismo italiano”.¹⁴

Entretanto, é necessário salientar que a ação terrorista desenvolvida pelo ABC, através dos atentados a bomba ou de justicamentos de sicários e homens do regime, exerciam um profundo impacto e atração em amplos setores juvenis, que, sob o ponto de vista político, não poderiam ser classificados como reacionários. Dessa forma, ainda que “a direção do ABC estivesse integrada por elementos reacionários, muitos jovens ingressaram nesta organização em busca de um meio para canalizar a ação contra a tirania”.¹⁵

Outra organização que recorria à política de atentados políticos, colaborando para manter as personalidades que compunham o regime num constante clima de intranqüilidade foi o *Directorio Estudiantil Universitario* (DEU). A partir de sua fundação, o DEU foi paulatinamente aproximando-se dos setores centristas da pequena burguesia urbana, particularmente de sua parcela mais intelectualizada, composta por estudantes, professores, profissionais liberais e demais ocupações que exigiam nível superior de escolaridade. Perseguiam a derrubada da ditadura e a conseqüente instauração de uma democracia burguesa. Seu programa, de nítido caráter reformista, defendia que “a propriedade privada tivesse uma função social; melhoras das condições de vida e de trabalho dos assalariados, através de uma legislação social; a democratização, tecnificação e modernização do ensino”.¹⁶

Apesar do aspecto espetacular que os levantes armados e a ação terrorista exerciam perante a opinião pública, a oposição política mais consistente e ameaçadora à ditadura era exercida pelo movimento sindical, cuja liderança estava vinculada ao *Partido Comunista de Cuba*. Em dezembro de 1932, os trabalhadores da indústria açucareira – o setor mais combativo dos trabalhadores cubanos – organizaram-se em um sindicato nacional, o Sindicato Nacional de Obreros de la Industria Azucarera (Sinoia). A constituição desse sindicato nacional representou um marco na organização sindical dos trabalhadores cubanos, pois o “atraso em que se manteve a produção propriamente industrial condicionou também a composição da classe operária cubana. (...) A enorme massa da classe operária cubana

concentrava-se, conseqüentemente, no setor agrícola”.¹⁷ Além disso, é importante salientar que, em Cuba, as relações fundamentais de produção se realizavam no campo, onde a produção açucareira era a atividade central. Desta forma, o Partido Comunista de Cuba, através de suas “organizações colaterais” – a Confederación Nacional Obrera de Cuba (CNOC), o Sindicato Nacional de Obreros de la Industria Azucarera (Sinoia), e a Ala Izquierda Estudiantil –, contava com instrumentos necessários para desfechar rudes golpes contra o regime. De uma maneira geral, essas organizações foram extremamente hábeis ao combinar as reivindicações de natureza econômica, como aumentos e reajustes salariais, jornada de oito horas, instituição de um salário mínimo, etc., com as reivindicações de natureza política, tais como a libertação de presos políticos, luta contra a Emienda Platt e solidariedade à URSS.

Dentro dos diversos grupos que se opunham à ditadura de Machado, Antonio Guiteras constituía um caso à parte: um singular personagem, ao redor do qual aglutinava-se um grupo de seguidores recrutados durante sua atividade conspirativa. A participação de Guiteras no fracassado levante de 1931 “tem a importância de ser a primeira vez que um representante da nova geração revolucionária vislumbrou a oportunidade de obter o poder mediante a luta num cenário rural”,¹⁸ o que reforçou a sua convicção de que somente através da luta armada seria possível derrotar a ditadura.

Depois de libertado do cárcere com a anistia de 1932, lançou-se, de imediato, novamente, à atividade conspirativa. O Manifiesto al Pueblo de Cuba foi um primeiro documento programático, provavelmente escrito ainda em 1932, no qual Guiteras reivindicava a constituição de um governo provisório, conclamando o povo a “um movimento armado contra os lacaios da mencionada oligarquia. (...) que assegure para Cuba uma vida livre de opressões nacionais e de ingerências estranhas.”¹⁹ Guiteras concebera um audacioso plano de levante em toda a Província de Oriente como forma de derrotar a ditadura de Machado e a esse plano passou a dedicar integralmente todas as suas energias. Recrutou insurgentes e, por todos os meios, procurou obter armas, inclusive, mediante um assalto a um tribunal de Santiago de Cuba. Nos primeiros meses de 1933, Antonio Guiteras e seu grupo estava prestes a entrar em ação.

A intervenção estadunidense na crise: a mediação “Welles-Machado”

Os baixos preços da cotação internacional do açúcar, que se manteve em níveis um pouco superiores a meio centavo a libra, conduziram a economia cubana ao mais completo caos econômico. A perspectiva de que a safra de 1933 fosse menor do que 2.000.000 de toneladas traduziu-se em níveis de desemprego alarmantes. Essa situação econômica, uni-

da à feroz repressão exercida pelo regime do general Gerardo Machado, tornaram a crise ainda mais aguda, levando a oposição a um tal extremo de desespero e violência que resultou num ambiente de extrema instabilidade política. Diante da crescente radicalização do movimento de oposição, a oligarquia cubana e os investidores estadunidenses não ocultavam a sua inquietude perante seus interesses ameaçados. No final de 1932, tornou-se insustentável a manutenção da tirania machadista. Isso causou uma profunda preocupação no Departamento de Estado dos Estados Unidos, que, começou “a duvidar da capacidade de Machado para deter a onda revolucionária e garantir (...) os seus interesses no país”.²⁰

A eleição de Franklyn Delano Roosevelt, em novembro de 1932, serviu para que se “propagasse a idéia de que com a mudança de Administração nos Estados Unidos, mudariam as coisas em Cuba. (...) Machado, passou a constituir-se num estorvo para os interesses yankees na Ilha”.²¹ Entretanto, por mais que os investidores estadunidenses e as classes dominantes cubanas clamassem por uma intervenção militar direta dos EUA, essa hipótese estava descartada pela Administração Roosevelt. Os Estados Unidos, economicamente enfraquecidos pela Grande Depressão decorrente da Crise de 1929, “começavam a amadurecer a ‘política de boa vizinhança’, com a qual os EUA aplainaram o caminho para os apoios latino-americanos na Segunda Guerra Mundial”.²² Dessa forma:

A política demagógica “do bom vizinho” teve com objetivo fazer com que os povos da América Latina esquecessem as agressões cometidas pelos yankees, que desde a primeira metade do século XIX se apoderaram do Texas e da Califórnia, arrebatando-as do México. Os desembarques de “Marines” criaram um forte sentimento antiimperialista nos povos latino-americanos e Franklyn D. Roosevelt, com uma política exterior habilidosa, pretendeu apagar esta repulsa, sem que renunciasse a nenhuma das conquistas dos monopólios, muito pelo contrário, propiciando ainda mais sua penetração no continente.²³

No início de 1933, deflagrou-se uma greve dos trabalhadores da indústria açucareira. Liderados pelo Sindicato Nacional de Obreros de la Industria Azucarera (Sinoia), essa greve alcançou grandes proporções e radicalidade. Inúmeras Centrais Açucareiras foram ocupadas pelos trabalhadores, que, organizados em sovietes, içaram as suas bandeiras vermelhas nas suas chaminés. Diante desses fatos, Roosevelt, preocupado com os investimentos estadunidenses em Cuba, nomeou Benjamin Sumner Welles como embaixador em Cuba no dia 20 de abril de 1933. A folha de serviços desse funcionário de carreira do corpo diplomático dos EUA comprovava a sua larga experiência em atividades intervencionistas: Cuba, em 1919; Santo Domingo, em 1922, e Honduras, em 1924.

Em 29 de abril de 1933, inicia-se um levante armado liderado por Antonio Guiteras, na Província de Oriente. O plano inicial de Guiteras consistia em coordenar uma série de levantes nas principais cidades da província, onde as forças revolucionárias tomariam os principais pontos-chave: quartéis, chefaturas de polícia, correios e telégrafos, etc. Devido a sua importância estratégica, a tomada da capital da província – Santiago de Cuba – ficaria sob a responsabilidade direta de Guiteras. A ação deveria começar após um ataque aéreo contra o Quartel Moncada. Entretanto, o plano fracassou em Santiago, em virtude de o aeroporto e todo o resto da cidade estarem militarmente ocupados no dia em que deveriam iniciar-se as operações (não se sabe se essa ocupação militar foi determinada pela ação de algum delator ou se ela ocorrera simplesmente por questões preventivas, devido à aproximação da data de 1º de Maio).

Frustrados os planos do levante em Santiago, Guiteras incorporou-se à luta em San Luis. Nessa localidade, a população aderiu entusiasticamente às forças insurgentes, derrotando os elementos machadistas que haviam se entrincheirado no quartel e na chefatura de polícia. Entretanto, por poucas horas a cidade permaneceu nas mãos dos insurretos. Atacados por forças militares numericamente superiores, Guiteras e seus homens foram obrigados a se retirar da cidade conquistada, rompendo o cerco e internando-se nas montanhosas paragens das regiões rurais da província oriental.

Diante desses acontecimentos, o general Gerardo Machado passara a significar um estorvo para o governo estadunidense. Dessa forma, quando Benjamin Sumner Welles, o novo embaixador dos Estados Unidos desembarcou em Cuba, em maio de 1933, contava com instruções muito precisas: mediar um acordo entre os grupos de oposição e o regime machadista. As linhas gerais do plano de Welles consistiam em oferecer, para os grupos de oposição, a renúncia do general Gerardo Machado e a constituição de um Governo Provisório encarregado de convocar as eleições para o ano seguinte. Para Machado, a possibilidade da renúncia foi oferecida como uma saída decorosa diante da crise instalada. Assim, Sumner Welles pretendia, a qualquer custo, evitar, em Cuba, a emergência de um movimento insurrecional de conseqüências imprevisíveis.

No dia 13 de maio de 1933, Welles reuniu-se com Machado. Seguindo à risca os tradicionais procedimentos do corpo diplomático estadunidense, Welles nem ao menos dignou-se a cumprir a formal e protocolar apresentação de credenciais: foi logo levando a cabo, de maneira arrogante, uma entrevista na qual comunicou a Machado a sua intenção de reunir-se com os representantes do governo e da oposição, como meio de se buscar uma fórmula que “devolvesse a paz ao país e que viabilizasse a celebração de eleições”.²⁴

A partir de junho de 1933, iniciaram-se as reuniões da Mediação, dirigidas por Sumner Welles. Essas reuniões ocorreram na sede da Embaixada dos Estados Unidos, por ser considerada um lugar “neutro”. Participam das reuniões os grupos oposicionistas ligados aos velhos caudilhos e o ABC. Os demais grupos oposicionistas – o Partido Comunista de Cuba, CNOC, Sinoia, Ala Izquierda Estudiantil e o DEU – recusaram-se a participar da *Mediação*, por considerá-la uma forma de intervenção por parte do governo dos EUA. A partir das montanhas orientais, Antonio Guiteras posicionou-se também contrariamente à *Mediação*. Entretanto, no interior do ABC, instalou-se uma crise política que levou ao seu fracionamento, quando setores contrários à Mediação cindiram-se, dando origem ao ABC Radical.

A greve de agosto de 1933 e a queda do regime machadista

Nos primeiros dias de agosto de 1933, ocorreu uma greve dos trabalhadores do serviço de ônibus de Havana. Inicialmente pautada por objetivos limitados de natureza econômica, essa greve, entretanto, acabou se transformando num estopim deflagrador de uma onda de greves que, por demandas próprias ou em solidariedade aos trabalhadores do transporte, estendeu-se “com velocidade tempestuosa a todos os setores da economia de um extremo ao outro da Ilha, transformando-se, de fato, em uma greve geral”.²⁵ A partir do dia 5 de agosto, essa greve abarcaria todos trabalhadores da indústria e do comércio. Paralisaram-se os transportes – ferrovias, transporte marítimo, ônibus e bondes –, não apenas em Havana, como também em todas as cidades do país.

Em 6 de agosto, Sumner Welles teve uma entrevista com Gerardo Machado. Durante a entrevista, Welles deixara implícita a velada ameaça de intervenção militar estadunidense caso continuassem os distúrbios. Sugeriu também a Machado que ele deveria “licenciar-se” do cargo, nomeando um Secretário de Estado “imparcial” que o substituísse. Momentos depois de encerrar-se a entrevista, as massas lançaram-se à rua, após ter sido divulgado, radiofonicamente, a notícia de sua renúncia. Em pouco tempo, uma multidão de populares concentrou-se nos arredores do Malecón, do El Prado e do Capitolio. Circulava a versão de que o Congresso estava reunido para conhecer a carta de renúncia do general Gerardo Machado.

Entretanto, novos e trágicos acontecimentos sucederam-se rapidamente: os senadores e representantes do regime começaram descarregar suas pistolas a partir de automóveis e dos balcões do *Capitolio*, disparando supressivamente contra os populares, que estavam reunidos nos jardins da sede do Congresso. Dezenas de mortos e feridos foi o saldo desse trágico episódio.

A indignação do povo contra o massacre de populares nos jardins do Capitólio deu um novo impulso ao movimento. O que, a princípio, parecia ser apenas “uma soma de um grande número de greves isoladas de solidariedade e por reivindicações econômicas, se converteu objetivamente em uma ação política unida de toda a nação. Sob a palavra de ordem de ‘Abajo Machado’”.²⁶ Assim, a greve logo assumiu características insurrecionais e se estendeu por todo o país, alcançando inesperadas proporções. Não se tratava agora de reivindicações econômicas, a reivindicação dos grevistas passou a ser uma só: “la de que se fuera Machado”.²⁷ A greve fazia tremer o regime e ameaçava levar ao fracasso a Mediação preparada por Welles.

Em 12 de agosto de 1933, o exército, que havia apoiado o regime de Machado sistematicamente, exigiu-lhe a renúncia. Nesse mesmo dia, seguindo rigorosamente as instruções dadas por Welles, o general Gerardo Machado renunciou, depois de ter aceitado a renúncia de todos os seus ministros, exceto a do general Alberto Herrera, que o substituiu interinamente. Na noite desse mesmo dia, protegido por Washington, Gerardo Machado fugiu numa aeronave com destino a Nassau. No dia seguinte, “os navios de guerra yankees arribavam no porto de Havana para recordar aos cubanos a vigência da Emenda Platt”.²⁸

No dia 13 de agosto, o general Alberto Herrera renunciou em favor de Carlos Manuel de Céspedes y Quesada, que estabeleceu um Governo Provisório. Assim, o Governo Provisório de Céspedes “foi, em essência, resultado da mediação do embaixador yankee orientado por Roosevelt”.²⁹ Acreditavam, assim, que os cubanos se conformariam apenas com a queda de Gerardo Machado.

Entretanto, no seio desse amplo movimento, que através da greve geral liquidara a ditadura do general Gerardo Machado, foram despertadas forças sociais cujas demandas políticas iam muito além da simples troca de governo. Nas províncias mais afetadas pela crise açucareira, particularmente nas áreas rurais, o movimento adquiriu um caráter de protesto social de extrema radicalidade, que não se esgotou com a deposição do ditador. Dessa forma, principalmente nas províncias orientais da ilha, a luta social continuou, mesmo após a queda de Machado em 12 de agosto, onde os trabalhadores da indústria açucareira

(...) se apoderaram das Centrais açucareiras, prenderam ou expulsaram os administradores das companhias yankees, e estabeleceram sovietes, ao mesmo tempo que criavam guardas armadas de milícias vermelhas. Em 21 de agosto os operários se apoderaram da primeira central açucareira, em Punta Alegre, Camagüey. Um mês depois, controlavam 36 centrais na zona centro-oriental, representando um terço da produção açucareira nacional.³⁰

O “GOBIERNO DE LOS CIENDÍAS”

O levante de 4 de setembro de 1933

O Governo Provisório encabeçado por Carlos Manuel de Céspedes, constituído através da Mediação do Embaixador Benjamin Sumner Welles, representava a continuidade no poder dos representantes da política tradicional cubana. O grau de subserviência desse governo aos interesses estadunidenses superava, inclusive, o de seus antecessores. Assim, com um certo ar de jactância, Welles referiu-se ao “Presidente” Céspedes em um informe dirigido ao Departamento de Estado dos EUA: “Me pede conselhos diariamente, sobre todas as decisões que afetam ao governo. Essas decisões abarcam dos problemas de política doméstica aos relativos à disciplina do exército e até a nomeação de pessoal em todos os níveis de governo”.³¹

Quando ocorreu a greve geral que determinou a queda do regime de Machado, Antonio Guiteras preparava-se para tomar de assalto o quartel de Bayamo. Das montanhas orientais, Guiteras soube da queda de Machado, da *Mediação* de Welles e da chegada ao poder de Céspedes. Imediatamente, Guiteras coloca-se na oposição a Céspedes, defendendo a continuidade da luta pelo estabelecimento de um governo revolucionário, não abrindo mão das armas como método de luta política.

Denunciando a ingerência de Welles diante da correspondente subserviência de Céspedes, o DEU – através da constante ação fustigadora de críticas de caráter antiimperialista – conduziu esse governo a uma rápida desmoralização. Entretanto, o governo Céspedes não tinha apenas que fazer frente às críticas da DEU e às ameaças de uma oposição armada dirigida por Guiteras no Oriente. Havia ainda uma terceira e mais perigosa ameaça: o movimento operário dos trabalhadores açucareiros, que, nas regiões centro-oriental e oriental da Ilha, havia assumido características claramente insurrecionais, através da ocupação das Centrais Açucareiras e da constituição de soviets.

A situação insurrecional em Cuba, de fato, agravara-se após a nomeação de Céspedes à presidência do Governo Provisório. As massas populares, que haviam derrotado Machado, sentiam-se traídas em suas demandas políticas, econômicas e sociais. Nesta situação, o exército constituía o único aparato do Estado que dispunha de “um dispositivo nacional, que podia atuar coordenadamente sob um comando único e que podia garantir a transferência do poder dentro dos setores oligárquicos, posto que continuava dispondo das armas em caso extremo”.³²

Entretanto, a crise política arrastou com ela a instituição militar, especialmente os setores mais comprometidos com o regime machadista. O aumento da oposição ao regime

deposto havia propiciado o surgimento de contradições internas no próprio exército. A liquidação da ditadura de Machado traduziu-se, ainda, no agravamento dessas contradições, particularmente entre a oficialidade e a base da instituição militar.

Em 1931, o corpo de praças do exército havia criado o Club de Alistados. Inicialmente, esse movimento tinha um caráter reivindicativo circunscrito a demandas mais simples, em geral relacionadas à melhoria salarial ou a outras questões mais específicas, como a dificuldade de ascensão na carreira militar ou a falta de roupas, de sapatos, etc. Com o acirramento da crise, do aumento da oposição e a conseqüente queda do machadato, esse movimento ampliou-se com a da incorporação de demandas de caráter mais profundo, tais como: depuração de oficiais e praças maculados com o regime deposto, rebaixamento dos salários da alta oficialidade, reorganização do exército, etc. Rapidamente, instalou-se um clima de desordem no exército, “onde abundavam partidários de grupos políticos tanto de esquerda como de direita”.³³

O DEU integrou-se ao movimento dos soldados, contribuindo para que esse movimento tivesse uma projeção política que ultrapassasse os limites dos quartéis. O DEU encarregou-se de elaborar um programa no qual os praças do exército reivindicavam a constituição de um novo Governo Provisório. Dessa forma, a unidade entre os soldados e os estudantes deu um programa político ao movimento militar.

Nos primeiros dias de setembro de 1933, o grau de insatisfação entre os praças do exército chegou ao seu nível máximo. Circulavam, em meio à tropa, rumores de que os salários seriam rebaixados e que 2.000 postos seriam suprimidos. Na madrugada do dia 4 de setembro, iniciou-se um motim no principal quartel de Havana, o Quartel Columbia, liderado pelos sargentos Pablo Rodríguez – principal líder do movimento –, Pedraza, López Migoya e Fulgêncio Batista. Os oficiais, acusados de terem sistematicamente apoiado o regime machadista, foram expulsos dos quartéis. Apesar de o sargento Pablo Rodríguez ter sido o principal organizador do movimento, quem acaba se sobressaindo é o sargento taquígrafo Fulgêncio Batista.

Após se autopromover coronel, Fulgêncio Batista tomou para si o comando do exército, reorganizando-o e substituindo a oficialidade deposta através da nomeação de 527 novos oficiais recrutados entre os sargentos, soldados e, inclusive, alguns civis. Ao longo do tempo, essa ação marcaria o ascenso de uma nova oligarquia militar, marcada pelo seu crescente apetite material.

Pouco depois de transcorrerem 24 horas desses acontecimentos, Batista compareceu solicitamente à embaixada dos EUA. Ao despedir-se de Sumner Welles, este, imperativamente recomendou-lhe que “o exército deve conservar a ordem e as garantias para a vida e fazendas” e que “realizando-se esta petição, Cuba continuará conservando sua

independência”.³⁴ Diante da presença dos navios de guerra estadunidenses, a “recomendação” do embaixador consistia numa clara ameaça de intervenção. Welles descreveria ainda, em seu diário, a “boa” impressão que tivera de Fulgêncio Batista nessa sua primeira entrevista:

Disse-lhe que, em minha opinião, ele era o único homem em Cuba que representava a autoridade, em parte, porque parecia contar com o apoio leal das tropas e também pela atitude firme e efetiva do exército contra os comunistas e outros elementos radicais. Com isto, ganhou apoio da grande maioria dos interesses comerciais e financeiros que buscavam proteção e não podiam encontrar em outra pessoa além dele.³⁵

Assim, as cada vez mais freqüentes entrevistas entre o representante dos Estados Unidos em Cuba e o coronel Fulgencio Batista levou a grande burguesia a reconhecer neste “um instrumento dúctil para suas maquinações”.³⁶

A formação do “Gobierno de los Cien Días”

O levante militar de 4 de setembro de 1933 determinou a queda do Governo Provisório de Carlos Manuel de Céspedes. No mesmo dia, foi instaurado um Governo Provisório, através de um órgão colegiado, integrado por cinco membros – Ramón Grau San Martín, Sergio Carbó, Porfirio Franca, José Miguel Irisarri e Guillermo Portela. Esse governo, conhecido como o Governo da Pentarquia, teve curta duração. No dia 10 desse mesmo mês, a Pentarquia foi dissolvida, sendo um dos pentarcas o professor universitário Ramón Grau San Martín, designado como presidente provisório.

Ramón Grau San Martín, ao tomar posse, recusou-se a jurar a Constituição cubana de 1902 “pelo fato de que levava adicionada a Enmienda Platt”.³⁷ Antonio Guiteras, ex-aluno de Grau San Martín na Universidade de Havana, assumiu a Secretaría de Gobernación, Guerra y Marina. Na cerimônia oficial em que Antonio Guiteras recebeu oficialmente o cargo, declarou: “Serei firme defensor deste Governo, enquanto não se converter em fiel laçao de Washington”.³⁸ De uma maneira geral, as três forças políticas que integravam o assim chamado Gobierno de los Cien Días (10 de setembro de 1933 a 15 de janeiro de 1934), eram representadas por Grau, Guiteras e Batista. O primeiro foi levado ao poder pela DEU e apoiado por setores não comunistas, mas que estavam desvinculados da oligarquia tradicional. “A ideologia democrático-reformista-radical-nacionalista deste grupo autodenominou-se logo ‘autêntica’, sendo que se consideravam os autênticos continuadores do Par-

tido Revolucionário Cubano de Martí”.³⁹ Guiteras correspondia à ala esquerda desse governo e Batista, como comandante do exército, logo consolidou-se como representante dos setores direitistas no governo.

Em grande parte devido à influência de Guiteras, o governo Grau adotou uma série de medidas de cunho reformista e nacionalista. Os partidos políticos que cooperaram com o regime machadista foram dissolvidos e os bens do ditador deposto e de seus colaboradores foram desapropriados. Foi iniciada também uma auditoria da dívida externa, com o intuito de não reconhecer os compromissos contraídos durante a ditadura de Machado. O governo decretou, também, a intervenção na Companhia Cubana de Eletricidad. Há de se notar que “as tarifas elétricas em Cuba eram até então as mais altas do mundo”,⁴⁰ e que essa companhia era, na verdade, uma subsidiária da Electric Bond and Share Company, da qual Gerardo Machado era acionista e “testa de ferro”.

Sob o ponto de vista das reformas sociais, foi criada a Secretaría del Trabajo, instituído um sistema de seguros e aposentadorias para os trabalhadores, salário mínimo e a jornada de trabalho de 8 horas. Foi decretada, também, a redução dos preços dos gêneros de primeira necessidade e das tarifas elétricas. Sob o ponto de vista sindical, foi reconhecido o direito a todo trabalhador sindicalizar-se livremente. Essas medidas afetaram diretamente os interesses, não só da oligarquia cubana, mas, principalmente, dos investidores estadunidenses estabelecidos em Cuba. Assim, sob a constante oposição desses setores, Antonio Guiteras defendia que, para libertar-se das “empresas estrangeiras, inimigas do operário”,⁴¹ dever-se-ia conquistar a “independência econômica, que é o embasamento sólido em que pode descansar a independência política”.⁴² Elaboraram-se, também, projetos de redistribuição de terras e projetos de colonização. A respeito desses programas agrários, Antonio Guiteras referiu-se da seguinte forma: “o programa do Governo é redimir Cuba da condição de colônia que vem desde o descobrimento”.⁴³

Para Guiteras, a questão fundamental para o êxito da revolução consistia no controle do aparato estatal pelos elementos revolucionários. Entretanto, de uma maneira geral, o governo Grau assumira o poder em condições extremamente difíceis. A imprensa do período, controlada pela reação, opôs-se de maneira sistemática ao governo, ao mesmo tempo em que as naves de guerra da Marinha estadunidense mantinham-se em posição ameaçadora diante dos principais portos cubanos. Mas a principal ameaça ao governo Grau, viria *de dentro* do próprio governo, corporificada na pessoa de Fulgêncio Batista.

As principais contradições do “Gobierno de los Cien Días”

As medidas reformistas decretadas pelo governo Grau, conjugadas com os aumentos salariais, possibilitaram que os trabalhadores de Havana retornassem ao trabalho. Aproveitando-se dessa conjuntura, o exército, sob o comando de Fulgêncio Batista, reprimiu duramente os trabalhadores do açúcar, que haviam organizado os soviets nas Centrais açucareiras ocupadas. Em última análise, as matanças e a prisão de centenas de lideranças operárias foram a expressão “da fúria das forças direitistas do Governo de Grau – representadas por Batista”.⁴⁴ Após desarticularem o movimento insurrecional no campo, essas forças direitistas levaram adiante uma poderosa operação repressiva nas cidades, tendo os comunistas e a CNOC como principal alvo. Ainda no final de setembro de 1933, um incidente marcaria o prelúdio de uma feroz perseguição aos comunistas e à CNOC pelas forças lideradas por Fulgêncio Batista.

Em 7 de setembro de 1933, no cemitério de Dolores, Cidade do México, ocorreu um incidente entre grupos comunistas e do ABC, que disputavam a posse dos restos mortais de Julio Antonio Mella, fundador do Partido Comunista de Cuba, que havia sido assassinado por agentes do regime de Gerardo Machado em janeiro de 1929. Em meio à confusão, uma exilada cubana, com a sua pequena filha, apossou-se dos restos mortais, escondendo a urna sob o seu abrigo. Através do Partido Comunista do México, os restos mortais de Julio Antonio Mella foram entregues a uma comissão de cubanos e mexicanos, encarregados de seu traslado. Mais tarde, em uma embarcação procedente do porto de Vera Cruz, os restos mortais de Julio Antonio Mella retornaram a Cuba, desembarcando através de uma passageira de quem as autoridades não suspeitavam. Depois de expostas na sede da Liga Antimperialista de Cuba, em 29 de setembro, as cinzas de Julio Antonio Mella foram seguidas por uma multidão que acompanhava o cortejo fúnebre pela calzada de Reina até um panteão construído em sua homenagem. Contra esse cortejo fúnebre, Fulgencio Batista mobilizou um grande contingente militar nas ruas próximas e abriu fogo contra a multidão. Vários mortos e dezenas de feridos foi o trágico resultado desse episódio. O modesto panteão erigido pelos operários da construção civil em homenagem a Mella foi destruído a coronhadas pela soldadesca batistiana. Nesse mesmo dia, as tropas comandadas por Batista ainda assaltariam e incendiariam a sede da CNOC.

Alguns dias depois, Fulgêncio Batista foi recebido por Sumner Welles na sede da representação diplomática dos Estados Unidos, onde recebeu “ardentes felicitações” pela “demonstração de anticomunismo”.⁴⁵

Se, por um lado, Ramón Grau San Martín procurou reforçar o apoio popular ao seu governo através da implementação de importantes medidas de caráter democrático-nacionalista, por outro lado, foi incapaz de deter o ímpeto repressivo representado pelo exército comandado por Fulgêncio Batista. “Apesar das mudanças efetuadas por Guiteras na Polícia e na Marinha, o Exército permaneceu como edifício absoluto de Batista.”⁴⁶ Naquela época, uma frase muitas vezes repetida refletia essa situação: “a Marinha é de Guiteras”. Assim, com o intuito de contrapor-se ao poder militar de que Batista dispunha, Guiteras planejava criar um Corpo de Fuzileiros Navais, diretamente subordinado à Marinha, com o efetivo inicial de 500 homens. Mesmo que, inicialmente, os atos violentos em relação aos movimentos sociais obedecessem a decisões locais, na maioria dos casos e, mais tarde, a posição de Fulgêncio Batista, oposta à de Guiteras, causava uma confusão inevitável. A evidente ambigüidade do governo de Ramón Grau San Martín provocava ataques da esquerda, que eram oportunamente aproveitados pela direita para combater o governo. “Sua posição era difícil: os radicais e os conservadores o combatiam.”⁴⁷

Dessa forma, o governo reformista-nacionalista de Grau enfrentou, desde o seu início, uma difícil situação ao ser combatido, a partir de distintas posições, pela direita (o ABC, os representantes da oligarquia e os EUA), e pela esquerda (o Partido Comunista de Cuba e o movimento sindical).

Foi combatido a sangue e fogo pela embaixada norte-americana, pelos oficiais depostos, pelo ABC, pela velha política, pelo alto comércio espanhol, pelas corporações econômicas, pelas empresas estrangeiras, pelos monopólios de serviço público, pelo Partido Comunista, pela Confederación Nacional Obrera, pelo estudantado de esquerda e a quase totalidade da imprensa.⁴⁸

Dos antigos oficiais de carreira do exército, apenas 106 conservaram as suas patentes. Dos que foram depostos, boa parte havia se entrincheirado no Hotel Nacional. Alentados pelo ABC e por Sumner Welles, pretendiam, dali, resistir até cair o governo de Grau San Martín. Acreditavam que teriam o apoio das tropas estadunidenses e, além disso, que o Hotel Nacional era um lugar seguro, por ser a residência do embaixador Sumner Welles. Depois de haver conseguido concentrar a maior parte dos ex-oficiais no Hotel Nacional, o embaixador estadunidense abandonou esse local como residência. Logo as tropas do exército cercaram o hotel e, no dia 2 de outubro, o embaixador ordenou o ataque. Depois de várias horas de combate, os ex-oficiais foram obrigados a se render e muitos deles foram assassinados depois de subjugados. Esse episódio fez desaparecer, totalmente, “a autoridade da velha oficialidade do Exército Nacional”,⁴⁹ marcando, assim, o fim dos ex-militares machadistas como fator determinante na política cubana.

Dois dias depois dos combates do Hotel Nacional, Batista foi convidado para uma nova entrevista com Sumner Welles, onde este expressou sua opinião acerca da importância do exército como “força oposta aos comunistas e aos elementos radicais e, portanto, de sua pessoa como defensor dos interesses comerciais e financeiros que necessitam proteção”.⁵⁰

Apesar de Batista ser visto, cada vez mais, como o homem de confiança dos EUA pela embaixada estadunidense, Sumner Welles não descartara outras possibilidades e nem outras forças políticas em seu intuito de desestabilizar e derrubar o governo de Grau San Martín. Assim, no dia 8 de novembro, ocorreu um novo levante contra o governo Grau: instigado por Welles e dirigido pelo ABC: exatamente cinco dias depois de atracar no porto de Havana, o encouraçado USS Wyoming, trouxe a bordo cerca de 1.200 fuzileiros navais prontos para desembarcar. Os golpistas chegaram a apoderar-se o Quartel Columbia, mas foram sufocados pela ação do exército, frustrando-se assim mais um intento levado a cabo pela oposição direita ao governo Grau San Martín.

O golpe de Fulgêncio Batista e o fim do “Gobierno de los Cien Dias”

Não havendo conseguido derrubar o governo Grau, Benjamin Sumner Welles foi substituído por Jefferson Caffery, que, em 18 de dezembro de 1933, assumiu o seu posto na sede da representação diplomática dos EUA em Havana. Imediatamente, Caffery trabalhou no sentido de formar uma coalizão que unisse as forças políticas de direita, que eram partidárias do derrocamento do governo Grau. Dessa forma, Caffery reuniu os representantes políticos tradicionais da oligarquia, juntamente com o ABC e Fulgêncio Batista em uma aberta conspiração, na qual o coronel Carlos Mendieta e Batista constituíam os elementos-chave.

A luta entre Antonio Guiteras e Fulgêncio Batista tornou-se cada vez mais acirrada no interior do governo Grau. No início de janeiro de 1934, Guiteras, ante a possibilidade da queda do governo, praticamente obrigou Grau San Martín a assinar o decreto em que Batista foi destituído do comando do exército, sendo substituído por Pablo Rodríguez. Nessa reunião, Guiteras comunicou também a Grau sua intenção de fuzilar o coronel Fulgêncio Batista.

Porém, àquela altura dos acontecimentos, a decisão de destituir Batista tomada por Grau revelou-se tardia. Quando Pablo Rodríguez chegou ao Quartel Columbia para assumir o comando do exército, foi imediatamente encarcerado por Fulgêncio Batista, frustrando-

se, assim, a execução do decreto. Em 14 de janeiro, Batista fechou um acordo com Carlos Mendieta, visando derrubar o governo Grau. No dia seguinte, em 15 de janeiro, Fulgêncio Batista liderou um golpe militar, forçando a renúncia de Ramón Grau San Martín.

Dois dias depois, sob a intimidação de 30 navios de guerra da Marinha estadunidense, o coronel Carlos Mendieta assumiu a presidência. O governo dos Estados Unidos, que durante cem dias não havia reconhecido o governo de Ramón Grau San Martín, reconheceu, de imediato, o novo governo. Assim, o golpe militar perpetrado por Fulgêncio Batista e a nomeação de Mendieta como presidente, finalmente, fecharam o ciclo da reação dirigida pela Mediação patrocinada pela Embaixada dos Estados Unidos em Cuba.

Estabeleceu-se, assim, um governo no qual, embora Mendieta fosse o presidente, era Batista que governava de fato. Dessa forma, com a entronização desse governo reacionário, Antonio Guiteras foi colocado imediatamente na ilegalidade. Numa de suas últimas declarações antes de submergir no obscuro manto da resistência clandestina, Guiteras afirmou:

(...) sabia que o golpe de estado urdido pelo Coronel Batista, assestava contra a Revolução (...) Ditadura Militar, subjugada pela influência de Washington (...) As frequentes entrevistas do Coronel Batista e o representante do Presidente Roosevelt, o constante protesto do primeiro com respeito a todos os decretos de caráter revolucionário (...) era necessário trabalhar de acordo com Washington e derrubar o governo, que lesionava os interesses dos grandes capitalistas americanos, (...) Atualmente estou na oposição e lutarei pelo restabelecimento de um governo onde os direitos dos operários e camponeses estejam acima dos desejos de lucro dos capitalistas nacionais e estrangeiros.⁵¹

A RESISTÊNCIA DE GUITERAS E O FINAL DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO DOS ANOS 30

Diante do estabelecimento do novo regime, Antonio Guiteras, “odiado e temido por Batista, tinha que passar a maior parte do tempo oculto.”⁵² A sua exemplar conduta à frente da Secretaría de Gobernación, Guerra y Marina durante o Gobierno de los Cien Días e a sua obstinação em continuar a luta contra Batista, conferiam a Guiteras um amplo prestígio entre as massas, que lhe permitiram organizar uma poderosa organização clandestina de resistência, fundada ainda em janeiro de 1933 e denominada TNT (em alusão à sigla do famoso explosivo, Trinitrotolueno).

As audaciosas ações da TNT intranquilizavam o governo Mendieta-Batista, destacando-se os atentados contra as personalidades da ditadura, o apoio armado aos movimentos de greve e o resgate de prisioneiros do regime. Em março de 1934, a CNOC organi-

zou uma greve geral, na qual participaram cerca de 200.000 operários, cuja finalidade era abater o governo Mendieta-Batista. Essa greve foi, assim como inúmeras outras anteriores, reprimida de maneira selvagem pelo exército de Batista. Antonio Guiteras, que na época em que era membro do Gobierno de los Cien Días havia sido duramente combatido pelos comunistas que “não consideravam o jovem dirigente um elemento revolucionário”,⁵³ apesar disso, não poupou esforços para apoiar esse movimento.

Nos últimos meses de 1934, Antonio Guiteras resolve dissolver a TNT e fundar uma nova organização de caráter político-militar, denominada Joven Cuba. Rapidamente, as células dessa organização estenderam-se por toda a Ilha. O objetivo essencial desta organização era o de derrocar a ditadura mediante uma estratégia insurrecional que combinasse “a ação guerrilheira nos campos junto com a luta nas cidades e um forte movimento político de massas, até conquistar uma debilidade defensiva no inimigo, que permitisse coroar o processo com uma greve geral triunfante”.⁵⁴ É necessário destacar ainda que, ao contrário da organização que a antecedeu – a TNT – a Joven Cuba pretendeu ser uma organização de massas, sendo que a sua Comisión de Acción, a estrutura mais conhecida desta organização – encarregada pelas ações armadas –, constituía apenas uma de suas estruturas internas. Assim, desde a sua fundação, a Joven Cuba iniciara os preparativos para o desencadeamento de uma “guerra civil revolucionária. Para isto, recrutou milhares de companheiros, arrecadou fundos através de coletas e de expropriações, adquiriu armas, fustigou o governo mediante a sabotagem e atentados pessoais, adquiriu um sítio no México e instalou nele um campo de treinamento”.⁵⁵

De uma maneira geral, o conteúdo programático da Joven Cuba propugnava a adoção de uma série de medidas de caráter democrático-burguês, ao lado de outras, de claro sentido anticapitalista. Diante dessas díspares e, em parte, contraditórias demandas, era o componente anti-imperialista que conferia consistência a esse programa, dotando-o de coerência. Assim, para Guiteras: “um movimento que não fosse antiimperialista em Cuba, não seria uma revolução. Se servia ao imperialismo yankee, não servia ao povo, pois seus interesses eram incompatíveis”.⁵⁶ Desde 1933, Antonio Guiteras manteve um estreito contato com outros líderes revolucionários da América Latina e, “em conversações com outros dirigentes latino-americanos, chegou a defender que a revolução antiimperialista devia ter um caráter continental”.⁵⁷

Para Guiteras, a solução da Questão Nacional em Cuba somente era possível através da independência econômica em face ao capital estadunidense: “Temos que ter independência econômica. Independência política não significa nada. Nós poderíamos conseguir a

independência política facilmente, porém a perderíamos em seguida”.⁵⁸ Desta forma, pela via do pensamento anti-imperialista, Guiteras concebe o socialismo como a única forma para um possível desenvolvimento econômico em Cuba:

Cuba reúne os elementos indispensáveis para integrar uma nação, porém, não é ainda uma “Nação”. (...) Cuba não é Nação “ainda”, porque carece daquela “unidade funcional” em sua economia, (...) Cuba permanece em “estado colonial”. Submetida ao capital estrangeiro, a estrutura econômica cubana é um aparato que não serve às necessidades coletivas de dentro, mas a rendimentos calculados por e para os de fora. Pois a coordenação das forças produtivas cubanas se oferece como primeira trincheira a conquistar (...) Daí a idéia polar de nossa orientação: para que a ordenação orgânica de Cuba em Nação alcance estabilidade, é preciso que o Estado cubano se estruture conforme os postulados do Socialismo.⁵⁹

Em 1934, o Partido Comunista de Cuba, através de suas organizações sindicais e estudantis, havia protagonizado a maior parte das greves e manifestações de massa contra o regime. Entretanto, a partir desse mesmo ano, o Partido passou a investir ainda mais na organização de grupos armados para o enfrentamento da ditadura (Grupos de Autodefensa, Destacamentos Armados, Unidad de Choque e o Ejército Libertador). A linha política defendida pelo Partido Comunista de Cuba passou a de ser “tentar constituir uma frente única de revolucionários e reformistas contra o regime”.⁶⁰ Assim, a Joven Cuba, com cerca de quinze mil militantes, unida à mobilização sindical e aos comandos dirigidos pelo comunistas, mantiveram o governo num “difícil equilíbrio, e no limiar da crise, durante os primeiros meses do ano de 1935”.⁶¹ A partir do final de 1933, Fulgêncio Batista havia convertido o exército numa força fiel aos seus objetivos, entretanto, no início de 1935, o exército não era plenamente de Batista. Guiteras sente, assim, que o momento propício para o início de uma insurreição armada se aproximava.

Entretanto, os planos insurrecionais de Guiteras foram frustrados por um movimento que ele considerava prematuro: a greve geral de março de 1935, convocada pelo Partido Comunista de Cuba e pelo movimento sindical. Para Guiteras, essa greve geral estava “condenada ao fracasso, por falta de material para sabotagem e armas para fazê-la culminar numa insurreição triunfante”.⁶² Para conseguir derrotar a greve de março de 1935, o exército foi obrigado a desencadear uma ação militar que, em muito, superou sua costumeira selvageria repressiva. Apesar de considerar aquele movimento condenado ao fracasso em virtude de sua prematuridade, Guiteras não se furtou ao combate. Mesmo sabendo que “uma greve pacífica como aquela estava condenada a terminar com ferro e sangue. Lutou valentemente naqueles dias turbulentos para evitar as ondas do desastre”.⁶³

Após a derrota da greve geral de março de 1935, Fulgêncio Batista se fortaleceu no poder. Cada vez mais, passou a ser visto, aos olhos da oligarquia cubana e dos investidores estadunidenses, como o “homem forte capaz de conter a anarquia e o comunismo e assegurar a normalidade da próxima safra”.⁶⁴ Com o objetivo de neutralizar os militantes oposicionistas, acentuou-se a repressão, que adquiriu uma maior virulência. A greve geral de 1935 acabou resultando em centenas de assassinatos e milhares de prisões.

Vivendo clandestinamente em Havana, Guiteras continuou a sua preparação para um movimento armado que, ao seu juízo, não fracassaria. Entretanto, o ascenso da ação repressiva que se seguiu à derrota da greve de março de 1935, estreitou, ainda mais, o cerco ao qual Guiteras estava submetido. Compreendera então que deveria retirar-se do país na primeira oportunidade. Assim, Guiteras pretendia seguir rumo ao México, para, a partir de lá, reorganizar a Joven Cuba e, mais tarde, reiniciar a luta. A esse respeito Guiteras escreveu numa carta dirigida a um de seus companheiros:

(...) elementos que não são nossos e que podemos atrair, creio conveniente, se são valiosos, transladá-los ao México, onde esperamos criar um acampamento. Neste país poderemos nos mover mais livremente e, ademais, creio ser mais conveniente que nossa organização, que é antiimperialista, tenha o seu acampamento fora dos Estados Unidos. Ali só devem ficar os que estão em missão especial.⁶⁵

Na madrugada do dia 7 para o dia 8 de maio de 1935, Guiteras, juntamente com um grupo de cerca de 25 companheiros, armados de fuzis e metralhadoras, bivacaram no velho fortim *El Morrillo*. Encravado na costa norte de Matanzas e a cerca de quatro milhas da cidade, estavam à espera do iate Amália, que os levaria até o México. Através de delação, as forças repressivas descobriram o plano de Guiteras e concentraram sobre a região um efetivo de cerca de dois mil soldados. Na manhã do dia 8 de maio, Guiteras e seus homens perceberam que estavam cercados. Imediatamente, abandonaram o fortim e, procurando romper o cerco, retiraram-se, progredindo pelas margens do rio Canímar. Após quase três horas deste desigual combate, conseguiram alcançar um bote atracado na margem do rio. Alguns permaneceram manejando as metralhadoras, enquanto os demais procuravam retirar-se no interior da pequena embarcação. Assim, dez conseguiram escapar. Entretanto, Guiteras não estava entre esses dez que se salvaram. Ao dar cobertura à retirada de seus companheiros, Antonio Guiteras, com o corpo crivado de balas, caíra sob o fogo da soldadesca batistiana. Contava, em sua morte, com apenas 28 anos.

Com o desaparecimento de Antonio Guiteras, a organização por ele criada – a Joven Cuba – entrou em profunda crise. Ainda em junho de 1935, apenas um mês após sua morte, “começaram as divergências, as renúncias, o nascimento de vários executivos e comitês

centrais, as expulsões da organização por uma e outra das direções”.⁶⁶ Indubitavelmente, era Guiteras quem mantinha a unidade da Joven Cuba. O caráter personalista dessa organização pouco contribuíra para que as concepções ideológicas de seu jovem líder fossem absorvidas pela maioria de seus membros, impedindo, assim, que a organização consolidasse uma ideologia própria que pudesse transcender a morte de seu líder. Rapidamente, a Joven Cuba diminuiu as suas ações até desaparecer nos anos seguintes.

O fracasso da greve de março de 1935 e a morte de Antonio Guiteras representaram o marco final do processo insurrecional dos anos 30. O Partido Comunista de Cuba continuou livrando batalhas no interior do movimento operário, mas Fulgêncio Batista consolidou-se no poder, controlando a vida política cubana nas décadas seguintes.

De uma maneira geral, os diversos grupos de esquerda foram derrotados no decorrer do processo revolucionário. A falta de coesão existente entre esses diversos grupos impediu-os de se fundirem numa frente única que pudesse capitalizar a derrota infringida à reação e fazer frente aos setores direitistas. Por outro lado, “o exército dos sargentos (...) logrou coesionar-se internamente”.⁶⁷ Assim, “ao ficarem invalidadas, a ala revolucionária e a ala reformista do Governo dos Cem Dias, o poder passou às mãos de seu setor mais reacionário, encabeçado por Batista”,⁶⁸ que se tornaria o “homem forte” de Cuba nas décadas seguintes. Anos mais tarde, Raul Roa, importante dirigente do Partido Comunista de Cuba, referindo-se a esses acontecimentos, faria a devida autocrítica:

(...) a responsabilidade do fracasso não corresponde, exclusivamente a Grau San Martín. Cai, por igual, sobre nós que combatemos torpemente o governo a partir da esquerda. O objetivo imediato de organizar uma ampla frente de luta contra a reação e o imperialismo – premissa prévia para a conquista do poder revolucionário pelas massas populares – foi substituído por uma propaganda verborrágica de consignas utópicas e a proposição de uma revolução proletária que transcendia as condições objetivas do país e a disposição subjetiva do povo.⁶⁹

O Partido Comunista de Cuba, que duramente combatera o Gobierno de los Cien Días, somente abandonaria, definitivamente, essa política sectária em 1935, a partir do VII Congresso da Internacional Comunista, que propôs a constituição das frentes populares (ou frentes antiimperialistas, segundo o caso) como estratégia principal para os Partidos comunistas em todos os países. Em Cuba, essa mudança traduziu-se na tentativa, no final de 1934 e início de 1935, de constituição de uma frente popular – na qual Guiteras estava integrado – contra o regime controlado por Fulgêncio Batista. Infelizmente, essa mudança de orientação viera muito tarde para Cuba. Quando esta mudança ocorreu, o Gobierno de los Cien Días já havia sido deposto pelo golpe militar urdido por Batista. A esse respeito, referiu-se Carlos Rafael Rodríguez:

o Partido carecia da experiência necessária para sobrepor-se a uma corrente internacional evidentemente sectária, que só começaria a ser abandonada em 1934, para ser definitivamente erradicada em 1935, com o VII Congresso da Internacional Comunista. Prevalecia então, com efeito, no movimento comunista internacional a tese de “classe contra classe”. Ao invés de trabalhar pela união das forças antiimperialistas e de se esforçar para neutralizar primeiro e conquistar depois, os elementos vacilantes, porém honestos, da pequena burguesia, o partido concentrava seus ataques precisamente sobre estes e desfraldava a consigna de “Soviets de Obreros e Campesinos apoyados por soldados y marinos”.⁷⁰

Embora a Revolução de 1933 não tenha conquistado seus objetivos essenciais, ela transformara profundamente a sociedade cubana. As demandas por democratização tomaram corpo no interior de amplos setores sociais, que foram despertados pela Revolução. A crise do sistema político oligárquico tradicional debilitara, não apenas o poder dos diversos setores da classe dominante cubana, mas também estabelecera uma cunha, que ameaçava – através do despertar da consciência anti-imperialista – o predomínio econômico e político dos EUA. Em linhas gerais, durante a Revolução de 1933, consolidaram-se, não apenas as principais correntes político-ideológicas, como também as principais formas de luta que estiveram presentes na Revolução dirigida por Fidel Castro em 1959.

Recebido em novembro/2004; aprovado em maio/2005

Notas

* Doutor em História Econômica pela USP e Vocalista dos Garotos Podres

¹ É necessário destacar que, dadas as particularidades do desenvolvimento da economia cubana, essa classe social era relativamente numerosa em Cuba e potencialmente predisposta à radicalização política em períodos de crise. Assim, segundo Carlos Rafael Rodríguez: “O estilo de desenvolvimento da economia cubana determinou que essa pequena burguesia urbana tivesse um volume comparativamente superior ao que correspondia à maior parte dos países subdesenvolvidos. O estancamento industrial promoveu a existência de uma ampla camada de produtores artesanais relacionados, sobretudo, com a elaboração de calçado, tabaco e confecções, ainda que abundava, também, o setor de conservas. Formou-se, além disso, uma extensa camada de pequenos comerciantes fixos e ambulantes. Deve-se destacar, ainda, o papel que jogavam os empregados e membros de profissões liberais que (...) proliferavam por ser o único caminho para escapar da proletarianização direta. (...) nos momentos de crise econômica, a sua rápida radicalização. Dessa camada se nutria a maior parte dos estudantes secundários e universitários. Com certa ilustração intelectual e ambições explicáveis de progresso, a pequena burguesia urbana constituía desde os primeiros tempos, uma zona muito sensível”. In: RAFAEL RODRÍGUEZ, C. *Cuba en el Tránsito al Socialismo: 1959-1963*. Havana, Política, 1979, pp. 42-43.

² RAFAEL RODRÍGUEZ, op. cit., p. 19.

Proj. História, São Paulo, (31), p. 207-236, dez. 2005

233

³ PADRÓN, P. L. *Qué República era Aquélla!*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1986, pp. 198-199.

⁴ PADRÓN, op. cit., p. 197.

⁵ RAFAEL RODRÍGUEZ, op. cit., p.49.

⁶ PADRÓN, op. cit., p. 209.

⁷ DIRECTORIO ESTUDANTIL UNIVERSITARIO. *Contra la Prórroga de Poderes*. Manifiesto do DEU. In: CABRERA, O. (org.). *Antonio Gúteras: Su Pensamiento Revolucionario*. Instituto Cubano del Libro, Havana, 1974, p. 72. A existência de um forte componente antiimperialista na luta contra a ditadura do general Gerardo Machado causou uma destacada preocupação por parte do Governo dos EUA, como podemos observar através de um memorando endereçado ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, onde o Embaixador estadunidense em Cuba, Harry F. Guggenheim, que descreveu essa situação da seguinte maneira: “Nosso absoluto domínio sobre o açúcar e outras indústrias resulta necessariamente num sentimento de inimizade para os Estados Unidos em uma época de crise econômica. Disso não podemos escapar, ao que parece. (...) Os sentimentos pouco amistosos que se originam do fato de que o capital americano tem destruído em grande parte a liberdade econômica de Cuba, (...) A opinião mais acentuada parece ser que a propaganda exterior, sob a forma de influxos comunistas emanados da Rússia é um fator contributivo bastante importante. (...) Entre outras causas, pode-se mencionar o sentimento nacionalista, que é especialmente muito vivo entre os estudantes da Universidade Nacional. Desse setor é de onde parte, geralmente, o clamor contra o ‘imperialismo yankee’”. In: PADRÓN, op. cit., p. 208.

⁸ LÓPEZ SEGRERA, F. *Orígenes, Desarrollo y Frustración de la Revolución de 1933*. In: ARMAS, R. de; LÓPEZ SEGRERA, F. e SÁNCHEZ OTERO, G. *Los Partidos Burgueses en Cuba Neocolonial (1899-1952)*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1985, pp. 103.

⁹ CABRERA, O. Introducción. In: CABRERA, op. cit., p. 13.

¹⁰ CABRERA, op. cit., p. 14.

¹¹ SOTO, L. *La Revolución Precursora de 1933*. Editorial Si-Mar, Havana, 1995, p. 297.

¹² CHANG, F. *El Ejército Nacional en la Republica Neocolonial: 1899-1933*. Editorial de Ciencias Sociales, Havana, 1981, p. 147.

¹³ RAFAEL RODRÍGUEZ, op. cit., pp. 50-51.

¹⁴ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., pp. 95-97.

¹⁵ CABRERA, op. cit., p. 16.

¹⁶ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., pp. 101-102.

¹⁷ RAFAEL RODRÍGUEZ, op. cit., pp. 38-39.

¹⁸ CABRERA, op. cit., pp. 14-15.

¹⁹ GUITERAS, A. *Manifiesto al Pueblo de Cuba*. In: CABRERA, op. cit., p. 89.

²⁰ LE RIVEREND, Julio. *Breve Historia de Cuba*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1995, pp.87-88.

²¹ PADRÓN, op. cit., p. 220.

²² ALTMANN, W. *México e Cuba: Revolução, Nacionalismo , Política Externa*. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2001, p. 72.

²³ PADRÓN, op. cit., p. 41.

- ²⁴ Ibid., p. 221.
- ²⁵ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., pp. 113-114.
- ²⁶ Ibid., pp. 113-114.
- ²⁷ PADRÓN, op. cit., p. 227.
- ²⁸ Ibid., p. 231.
- ²⁹ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., p. 116.
- ³⁰ Ibid., pp. 126-127.
- ³¹ Ibid., p. 117.
- ³² CHANG, F., op. cit., p. 167.
- ³³ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., p. 118.
- ³⁴ PADRÓN, op. cit., pp. 230, 232 e 233.
- ³⁵ Ibid., p. 234.
- ³⁶ CABRERA, op. cit., p. 30.
- ³⁷ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., p. 121.
- ³⁸ GUITERAS, A. Declaraciones de Guiteras, Respecto a su Actitud frente a los Acontecimientos Actuales. *Periódico Luz*, n. 22, 20/ 1/1934, p. 1. In: CABRERA, op. cit., p. 175.
- ³⁹ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., p. 120.
- ⁴⁰ BEALS, C. El Alma de Guiteras Sigue Marcando la Ruta. *Revista Common Sense*, Nova York, jul. de 1935. In: CABRERA, op. cit., pp. 247-248.
- ⁴¹ GUITERAS, A. Declaraciones de Guiteras Contra la Campaña Pro-Intervención Extranjera. *El País*, ano XI, edição final, 16/set./ 1933. In: CABRERA, p. 137.
- ⁴² Id. Habla Guiteras Sobre la Libertad de los Presos Políticos. *Ahora*, 23/12/1933. In: CABRERA, op. cit., p. 131.
- ⁴³ Id. Declaraciones de Guiteras Acerca del Problema Agrario. *Ahora*, nº 65, 7/12/1933. In: CABRERA, op. cit., p. 124.
- ⁴⁴ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., pp. 128-129.
- ⁴⁵ PADRÓN, op. cit., p. 238
- ⁴⁶ CABRERA, op. cit., p. 29.
- ⁴⁷ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., p. 107
- ⁴⁸ Ibid., p. 124.
- ⁴⁹ CHANG, op. cit., p. 181.
- ⁵⁰ Ibid., p. 186.
- ⁵¹ GUITERAS, A. Declaraciones de Guiteras, Respecto a su Actud Frente..., op. cit., pp. 175-176.
- ⁵² BEALS, op. cit., p. 248.
- ⁵³ CABRERA, op. cit., p. 32.

- ⁵⁴ SÁNCHEZ OTERO, G. “La Crisis del Sistema Neocolonial en Cuba: 1934-1952”. In: ARMAS, R. de; LÓPEZ SEGRERA, F. e SÁNCHEZ OTERO, G., op. cit., p. 203.
- ⁵⁵ TABARES DEL REAL, J. A. “La Revolución de 30: Seus Dois Últimos Años”. Havana, 1971. In: SÁNCHEZ OTERO, op cit., p. 203.
- ⁵⁶ GUITERAS, A. Setembrismo. *Bohemia*, v. XXVI, n. II, ano 26, 1/4/1934. In: CABRERA, op. cit., p. 181.
- ⁵⁷ CABRERA, op.cit., p. 52.
- ⁵⁸ GUITERAS, A. in BEALS, op. cit., p. 244.
- ⁵⁹ GUITERAS, A. *Programa de Joven Cuba*. Publicado em forma de folheto e reproduzido pelo periódico *Ahora*, em 24/9/1934. In: CABRERA, op. cit., pp. 183-184.
- ⁶⁰ SÁNCHEZ OTERO, op. cit., p. 204.
- ⁶¹ *Ibid.*, p. 205.
- ⁶² GUITERAS, A. *Carta a Compañeros de la Joven Cuba* (16/3/1935). In: CABRERA, op. cit., p. 218.
- ⁶³ BEALS, op. cit., p. 249.
- ⁶⁴ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., pp. 107-108.
- ⁶⁵ GUITERAS, A. *Carta a Pedro Pablo Torrado* (11/4/1935). In: CABRERA, op. cit., p. 230.
- ⁶⁶ CABRERA, op. cit., p. 48.
- ⁶⁷ CHANG, op. cit., p. 183-185.
- ⁶⁸ LÓPEZ SEGRERA, op. cit., p. 139.
- ⁶⁹ ROA GARCÍA, R. *Escaramuza en las Vísperas*. Las Villas, Universidad de Las Villas, 1966, p. 65.
- ⁷⁰ RAFAEL RODRÍGUEZ, op. cit., pp. 51-52.